



Evangelho e Resistência

Igreja, neoliberalismo
e cultura do poder

orgs.

Antonio de Lisboa Lustosa Lopes

Edelcio Ottaviani



**SABER
CRIATIVO**



CAPES

Esta obra foi publicada com o subsídio do Programa
de Apoio à Pós-graduação da Coordenação de
Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).



Programa de Estudos Pós-graduados em Teologia
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

SUMÁRIO

Prefácio	9
UNIDADE I	25
CAPÍTULO 1	27
A Teologia do Povo de Deus como contraponto aos princípios da razão neoliberal e do integralismo de extrema direita	
<i>Antonio de Lisboa Lustosa Lopes</i>	
<i>Dêvisson Luan Oliveira Dias</i>	
CAPÍTULO 2	41
O seguimento de Jesus e suas implicações na ordem econômica e política	
<i>Sami Nogueira Abraão</i>	
<i>Richard Strazza da Silva</i>	
CAPÍTULO 3	71
O Neoliberalismo e a Doutrina Social Da Igreja: elementos para o discernimento cristão da realidade	
<i>Júlio Cezar Nascimento Moraes</i>	
CAPÍTULO 4	95
Teologia do Domínio: a instrumentalização da religião a serviço dos interesses políticos e financeiros	
<i>Edelcio Ottaviani</i>	
<i>Luís Henrique</i>	
UNIDADE 2	119
CAPÍTULO 1	121
Seria inútil revoltar-se? Mística e Resistência	
<i>Edelcio Ottaviani</i>	
<i>Tiago Cosmo</i>	
<i>Rafael Lourenço Campachi Martins</i>	

CAPÍTULO 2	143
As redes sociais e a Inteligência Artificial a serviço dos interesses neoliberais	
<i>Michel Musulin Soeltl</i>	
CAPÍTULO 3	163
Descrédito democrático e perigo para a manutenção dos princípios da Doutrina Social da Igreja	
<i>Drance Elias da Silva</i>	
CAPÍTULO 4	175
O pontificado do Papa Francisco como contraponto ao pensamento neoliberal e à cultura do consumo e do descarté	
<i>Adamo Fernando Valeque</i>	
UNIDADE 3	195
CAPÍTULO 1	197
Nanoevangelizadores como possibilidade de Evangelização no meio digital	
<i>Alzirinha Souza</i>	
CAPÍTULO 2	223
Juventude e Jubileu da Esperança: esperança profética e protagonismo juvenil em tempos de crise	
<i>Benedita Izabel Rosa</i>	
<i>Henry Anyine</i>	
CAPÍTULO 3	241
Comunidades Eclesiais e espiritualidade sociotransformadora	
<i>Anderson Messina Perini</i>	
Posfácio	263
<i>Antonio Genivaldo Cordeiro de Oliveira</i>	

PREFÁCIO

Discernir os sinais dos tempos: fé e resistência no mundo contemporâneo

Vivemos um tempo marcado por crises múltiplas: econômicas, políticas, culturais e espirituais, que desafiam profundamente o modo como compreendemos a fé, a Igreja e a própria condição humana. O século XXI testemunha a ascensão de ideologias que absolutizam o mercado, desvalorizam a vida e reduzem o ser humano a um objeto de consumo e competição. Diante desse cenário, a teologia é chamada a retomar sua vocação profética: discernir os sinais dos tempos à luz do Evangelho e oferecer caminhos de esperança e resistência. Este livro nasce exatamente desse impulso, reunindo vozes que se colocam na fronteira entre fé e história, espiritualidade e transformação social, para pensar o cristianismo como força libertadora e humanizadora em meio às ruínas do presente.

Os textos que compõem esta obra dialogam com as grandes questões do nosso tempo, sem perder o enraizamento na tradição viva da Igreja. Das críticas ao neoliberalismo e à manipulação religiosa às reflexões sobre juventude, espiritualidade e cultura digital, cada capítulo revela uma preocupação comum: recuperar a dimensão comunitária, ética e solidária da fé cristã. Inspirados pelo Concílio Vaticano II e pelo magistério social

dos romanos pontífices, especialmente Francisco, os autores mostram que o Evangelho não é uma mensagem de fuga, mas um chamado à conversão pessoal e estrutural, capaz de iluminar as feridas do mundo com o amor de Cristo. Trata-se, portanto, de um exercício de teologia encarnada, que une discernimento intelectual, sensibilidade pastoral e compromisso com os pobres e os jovens.

Mais do que um conjunto de ensaios, este livro é um itinerário espiritual e social. Ele convida o leitor a percorrer, capítulo após capítulo, uma jornada de escuta, crítica e esperança: da denúncia das idolatrias contemporâneas à redescoberta da Igreja como Povo de Deus em missão; da reflexão sobre as distorções do poder à afirmação de uma espiritualidade que transforma e liberta. Em um mundo fatigado pela indiferença e pelo individualismo, estas páginas reacendem a convicção de que a fé cristã continua sendo uma semente de humanidade e comunhão. Nelas, a teologia se faz peregrina, profética e próxima, mostrando que ainda é possível sonhar e trabalhar, por um Reino de justiça, fraternidade e paz.

Nesse sentido, o capítulo, “A Teologia do Povo de Deus como contraponto aos princípios da razão neoliberal e do integralismo de extrema direita”, de minha autoria e do talentoso Dêvisson Luan Oliveira Dias, inaugura este livro com uma reflexão densa e atual sobre os dilemas do nosso tempo. A partir de uma análise crítica das dinâmicas econômicas e políticas que moldam a subjetividade contemporânea, os autores evidenciam como o neoliberalismo ultrapassa o campo econômico e se torna uma racionalidade global, capaz de formatar modos de ser, de crer e de conviver. Em contraposição a essa lógica que fragmenta e desumaniza, a teologia do Povo de Deus é apresentada como horizonte de resistência espiritual e social, ancorada na comunhão, na solidariedade e na esperança evangélica.

Ao recuperar as intuições do Concílio Vaticano II e a tradição teológica latino-americana, o texto propõe uma eclesiologia viva, comprometida com o protagonismo dos fiéis e com a missão evangelizadora em meio às contradições do mundo atual. A leitura feita a partir do magistério de papas como Leão XIII, Paulo VI, João Paulo II, Bento XVI e Francisco, revela a continuidade de um pensamento social cristão que nunca se omitiu diante das injustiças estruturais. Nesse sentido, o texto se insere na tradição profética da Igreja, que denuncia a idolatria do mercado e o autoritarismo político, reafirmando o Evangelho como força transformadora da história.

Não se limitando à crítica teórica, trata-se também de um chamado pastoral e existencial. Diante da indiferença e da lógica da concorrência, conclamamos a Igreja a reencontrar sua vocação de “Igreja em saída”, capaz de testemunhar o amor de Deus por meio da comunhão e do serviço. Ao articular teologia, política e espiritualidade, nosso texto inaugura este volume com um tom de discernimento e esperança, convidando o leitor a compreender que a fé cristã, quando vivida em comunidade, é sempre libertadora e profundamente humana.

O segundo capítulo, “O seguimento de Jesus e suas implicações na ordem econômica e política”, apresenta uma profunda reflexão teológico-pastoral sobre o discipulado cristão como forma de resistência e transformação social. Partindo do Evangelho, os autores Richard e Sami recordam que seguir Jesus não é adotar um conjunto de normas, mas acolher um modo de vida que coloca o amor, a justiça e o serviço no centro da existência humana. Em contraste com a lógica do poder, do acúmulo e da dominação que caracterizam as estruturas políticas e econômicas do mundo atual, o seguimento de Cristo propõe um Reino de liberdade e fraternidade, onde a dignidade de cada pessoa é reconhecida e promovida. Nesse sentido, a fé cristã se revela inseparável da prática da justiça e da solidariedade.

O texto realiza um diálogo fecundo entre a Sagrada Escritura, a teologia contemporânea e a tradição patrística. Na leitura bíblica, o Reino de Deus é apresentado como contraponto aos reinos humanos, marcados pela opressão e pela busca de glória. Na voz dos Padres da Igreja, tais como Justino, Irineu, Agostinho e Pedro Crisólogo, o seguimento se manifesta como vocação à liberdade e à caridade. Justino exalta o diálogo e a justiça como fundamentos da vida social; Irineu propõe a “lei do progresso” como expressão do desejo humano de aperfeiçoamento em Deus; Agostinho convida à conversão do coração e à esperança ativa, fazendo da terra um prelúdio do céu; e Pedro Crisólogo enraíza o discipulado nas obras de misericórdia, que são o rosto visível do Reino entre os pobres e sofredores.

Ao unir dimensão espiritual e compromisso histórico, o capítulo oferece uma leitura atual e profética do seguimento de Jesus. Diante da desigualdade, da corrupção e da indiferença social, o cristão é chamado a ser presença transformadora, configurando-se ao Cristo servidor e agindo com coragem evangélica nas realidades do mundo. O texto encerra com um apelo à coerência entre fé e vida: seguir Jesus é comprometer-se com a justiça, promover o diálogo e testemunhar o Reino de Deus já no hoje da história, um Reino de paz, dignidade e comunhão para todos.

O próximo capítulo, trata-se de “O neoliberalismo e a Doutrina Social da Igreja: elementos para o discernimento cristão da realidade”, escrito por Júlio Cezar Nascimento Moraes, é uma excelente contribuição deste volume, articulando teologia, filosofia e crítica social. O autor parte de uma exigência central da vida cristã, o discernimento evangélico para compreender o mundo contemporâneo à luz da fé. Inspirado pela *Evangeli Gaudium* do Papa Francisco, Moraes propõe que o cristão deve “ler os sinais dos tempos” (EG 51), distinguindo o que condiz com o Reino de Deus e o que o contradiz. Nesse horizonte, o autor apresenta o neoliberalismo não apenas como sistema econômico, mas como “nova

razão do mundo”, expressão cunhada por Pierre Dardot e Christian Laval (2016), que descreve a lógica de concorrência e autossuficiência que se infiltrou nas estruturas sociais e subjetivas da vida moderna.

Com notável clareza pedagógica, Júlio Cezar Nascimento Moraes analisa como essa racionalidade neoliberal, fundada no princípio da competição e na absolutização do mercado, compromete os fundamentos da convivência humana e da fé cristã. Citando autores como Byung-Chul Han, Michel Foucault e Francisco de Aquino Júnior, o autor demonstra que a lógica neoliberal produz o esgotamento físico e espiritual das pessoas, transformando-as em “empresas de si mesmas” e corroendo laços de solidariedade. Em contraste, ele retoma a tradição teológica que compreende o ser humano como “imagem e semelhança de Deus”, chamado à comunhão e à vida em sociedade. A crítica ao neoliberalismo, portanto, não é apenas política ou econômica, mas teológica e antropológica, pois se refere à verdade sobre o ser humano e ao modo como Deus o quis: solidário, relacional e voltado ao bem comum.

No contraponto, Moraes apresenta os princípios da Doutrina Social da Igreja (DSI) como base de discernimento e ação. Retomando documentos fundamentais como a *Rerum Novarum* (Leão XIII), o *Compêndio da Doutrina Social da Igreja* e as encíclicas *Laudato Si’* e *Fratelli Tutti*, o autor evidencia valores permanentes: dignidade humana, solidariedade, subsidiariedade, participação, bem comum e destinação universal dos bens. Esses princípios, escreve ele, constituem uma verdadeira gramática do Reino de Deus, contraposta à idolatria do mercado e à cultura da indiferença. O capítulo conclui com uma convicção pastoral e profética: “o neoliberalismo não serve”, porque mata, destrói vínculos, devasta a criação e adocece as pessoas. A missão da Igreja, portanto, é ajudar os fiéis a discernirem e resistir a essa lógica, reafirmando que a glória de Deus é o ser humano vivo e livre.

O quarto capítulo, a “Teologia do Domínio: a instrumentalização da religião a serviço dos interesses políticos e financeiros”, de Edelcio Ottaviani e Luís Henrique, constitui um dos textos mais contundentes da obra, pela densidade com que denuncia a apropriação da fé cristã por projetos de poder autoritário. Com base em autores como Frederick Clarkson, Rousas John Rushdoony, Pierre Bourdieu e Eliseu Pereira, os autores mostram como a chamada Teologia do Domínio se tornou um instrumento ideológico de legitimação do neoliberalismo, da desigualdade social e de práticas políticas que confundem religião e poder. Essa teologia, nascida nos Estados Unidos e importada por setores neopentecostais no Brasil, defende que os cristãos devem ocupar todas as esferas da sociedade, o que, segundo Ottaviani e Henrique, leva à negação da fraternidade evangélica e à sacralização do domínio.

O texto percorre as origens históricas e teológicas do movimento, diferenciando o Teonomismo Reconstrucionista de Rushdoony e o Dominionismo dos Sete Montes, formulado por autores como Loren Cunningham, Johnny Enlow e Fernando Guillen. Em ambos os casos, a religião se transforma em ferramenta de poder e controle social, substituindo a mensagem de amor e serviço de Cristo por uma lógica teocrática e punitiva. Ao dialogar com Bourdieu, os autores interpretam essa deturpação como uma forma de violência simbólica, em que o discurso religioso legitima a dominação econômica, política e cultural. Essa crítica ganha força quando os autores analisam a confluência entre o bolsonarismo e o evangelismo neopentecostal, inspirados em modelos dominionistas estadunidenses e sustentados por uma retórica moralista que mascara interesses econômicos e autoritários.

Nos trechos finais, Ottaviani e Henrique ampliam a denúncia ao mostrar a infiltração dessa teologia nas relações entre igrejas e facções criminosas, a partir de pesquisas de Viviane Costa e Edmar Pedrosa.

Essa “teologia do poder” atravessa presídios, periferias e instituições políticas, travestindo o autoritarismo de discurso religioso e convertendo o Evangelho em ferramenta de manipulação. O capítulo encerra com uma convocação pastoral: diante dessa distorção da fé, cabe às igrejas, especialmente à Igreja Católica, recuperar a presença social e comunitária, reavivar as Comunidades Eclesiais de Base e retomar a fidelidade ao Cristo Servo, que “esvaziou-se a si mesmo” (Fl 2, 6-8). Trata-se, portanto, de um texto que une denúncia profética e compromisso ético, iluminando o papel da teologia diante das tentações contemporâneas do poder e da idolatria política.

O primeiro capítulo que inaugura a segunda unidade: “Seria inútil revoltar-se? Mística e Resistência”, escrito por Edelcio Ottaviani, Tiago Cosmo e Rafael Lourenço Campachi Martins, é uma das reflexões mais densas e inspiradoras desta obra, articulando fé, filosofia e crítica social em torno de uma pergunta provocadora: pode a mística religiosa fundamentar uma revolta legítima contra os sistemas de poder? Partindo de uma leitura das reportagens de Michel Foucault sobre a Revolução Iraniana, os autores exploram o sentido espiritual da insurreição e a potência transformadora da fé diante do poder despótico e da razão neoliberal. A revolta, quando enraizada numa mística, não busca destruição, mas limites éticos ao domínio político e econômico. Em um tempo em que a religião tem sido manipulada por interesses ideológicos e financeiros, o texto de Ottaviani, Cosmo e Martins convida a resgatar a espiritualidade como força de resistência e humanização.

A análise percorre três eixos principais: primeiro, a crítica à cultura do consumo e do descarte denunciada pelo Papa Francisco na *Laudato Si'*, associando a degradação ambiental à lógica do lucro que transforma tudo, inclusive pessoas, em produtos descartáveis; segundo, o exame da “razão neoliberal” a partir de Foucault e Byung-Chul Han, que descrevem

o sujeito contemporâneo como empresário de si mesmo, vítima de um sistema que esgota corpo e alma em nome da produtividade; e, por fim, a proposição de alternativas concretas inspiradas na eclesiologia de Francisco. Nessa perspectiva, a revolta religiosa torna-se um gesto espiritual e político que afirma a vida contra a lógica da morte, uma insurreição pacífica que nasce do Evangelho e busca restaurar o humano no centro da sociedade.

Na parte final, os autores utilizam a narrativa bíblica de Davi e Golias como metáfora do enfrentamento entre a fé e o neoliberalismo, propondo cinco “pedras” de resistência cristã: a Economia de Francisco e Clara, o Pacto Educativo Global, a Sinodalidade, a Igreja em Saída e a refundação das Comunidades Eclesiais de Base. Cada uma dessas pedras simboliza um caminho concreto de reconstrução social e eclesial, fundado na solidariedade, na escuta e na justiça. O texto conclui reafirmando que revoltar-se, no sentido cristão, é não se conformar com o sofrimento dos pobres nem com a destruição da Casa Comum. A verdadeira mística, ensinam Ottaviani, Cosmo e Martins, é aquela que, movida pelo amor de Deus, ousa levantar-se diante dos gigantes do nosso tempo e, com fé e coragem, inicia processos de transformação.

Na sequência temos “As Redes Sociais e a Inteligência Artificial a serviço dos interesses neoliberais”, escrito por Michel Musulin Soeltl, é uma das análises mais incisivas e contemporâneas do livro. Com olhar pastoral e sociopolítico, o autor investiga como as tecnologias digitais, especialmente as redes sociais e a inteligência artificial, se tornaram instrumentos eficazes de manipulação e dominação ideológica. Soeltl demonstra que, embora criadas para aproximar pessoas e democratizar o acesso à informação, essas ferramentas passaram a servir a uma lógica de poder concentrada nas mãos de grupos econômicos e políticos que

disseminam discursos divisionistas, fomentam o ódio e naturalizam o neoliberalismo como modelo incontestável.

A partir de uma leitura crítica das dinâmicas comunicacionais do século XXI, Michel Soeltl analisa como a propaganda digital reproduz estratégias totalitárias do passado, especialmente a manipulação de massas por meio do medo e da criação de inimigos imaginários. Amparado em documentos como a *Fratelli Tutti* e a *Laudato Si'*, o autor estabelece um diálogo entre teologia, ética e comunicação, identificando o que chama de “Anti-Reino”: uma cultura política contrária ao Evangelho, que transforma a mentira e o lucro em divindades. Sua reflexão denuncia também a desinformação e o uso enviesado da inteligência artificial, alertando para os perigos de algoritmos que reproduzem preconceitos raciais, sociais e econômicos, consolidando novas formas de exclusão digital e ideológica.

Nos trechos finais, Soeltl aponta caminhos de discernimento e resistência cristã diante desse cenário. Inspirado pela Doutrina Social da Igreja e por teólogos como José Comblin e Wallace Cruz, o autor afirma que o cristão é chamado a um posicionamento público e ético diante da manipulação tecnológica e da mentira organizada. O texto culmina com um apelo à educação, à consciência crítica e à responsabilidade social, lembrando que o Evangelho é, em si, uma forma de comunicação libertadora. Assim, o capítulo não apenas denuncia os mecanismos de poder do neoliberalismo digital, mas também convida o leitor a reencontrar, na verdade e na fraternidade, os fundamentos de uma política humana, justa e evangélica.

O capítulo “Descrédito Democrático e Perigo para a Manutenção dos Princípios da Doutrina Social da Igreja”, de Drance Elias da Silva, constitui uma análise lúcida e necessária sobre o enfraquecimento das democracias contemporâneas e seus impactos sobre a ética social cristã. O autor traça um panorama histórico e teológico do envolvimento da

Igreja Católica na defesa dos direitos humanos e na construção de regimes democráticos, especialmente no contexto latino-americano. Recordando o papel profético da CNBB, das pastorais sociais e da Teologia da Libertação, o texto mostra como a Igreja, inspirada pelo Concílio Vaticano II e pelas conferências episcopais de Medellín e Puebla, assumiu o compromisso de ser voz dos pobres e guardiã da justiça social em tempos de autoritarismo e desigualdade.

A reflexão se aprofunda ao relacionar o avanço de ideologias integralistas e o descrédito das instituições democráticas com os desafios éticos da atualidade. Drance Elias da Silva denuncia o perigo do retorno de discursos autoritários que instrumentalizam a religião e negam o pluralismo, o diálogo e a dignidade humana, pilares da Doutrina Social da Igreja. Amparado em pensadores como Michael Löwy, Dermi Azevedo e Ney Souza, o autor evidencia que o integralismo, sob qualquer de suas formas, é incompatível com a fé cristã, pois reduz o Evangelho a uma ideologia e ameaça a liberdade que o próprio Cristo veio anunciar. Assim, o texto reafirma que a Igreja deve manter sua independência crítica diante de todo poder e conservar-se fiel à sua vocação profética de servir à verdade, à justiça e ao bem comum.

Mais do que uma advertência, este capítulo é um chamado à responsabilidade e ao compromisso evangélico. Em tempos de polarização e manipulação política da fé, o autor conclama os cristãos a viverem uma espiritualidade cidadã, que una oração e ação, fé e justiça, contemplação e transformação social. A verdadeira evangelização, recorda Drance Elias da Silva, exige presença ativa na história, defesa incondicional da dignidade humana e testemunho público do amor de Deus. Assim, o texto se torna um farol ético para o nosso tempo: um convite à Igreja e à sociedade para que renovem a esperança democrática e redescubram na Doutrina Social da Igreja um caminho seguro de fraternidade, solidariedade e paz.

Encerrando a segunda unidade, “O Pontificado do Papa Francisco como contraponto ao pensamento neoliberal e à cultura do consumo e do descarte”, de Adamo Valeque, é um dos textos centrais desta coletânea, pois sintetiza a dimensão pastoral, social e teológica do magistério de Francisco. Os autores apresentam o Papa como figura profética que, em um mundo dominado pela lógica do mercado e da indiferença, recoloca o ser humano e a criação no centro da preocupação cristã. O texto mostra que, desde a *Evangelii Gaudium* (2013) até a *Laudato Si'* (2015) e a *Fratelli Tutti* (2020), Francisco denuncia as estruturas econômicas que geram exclusão e sofrimento, reafirmando a necessidade de uma conversão integral, espiritual, social e ecológica. Valeque propõem, assim, uma leitura do pontificado como resposta pastoral e evangélica à hegemonia neoliberal, marcada pela idolatria do dinheiro e pela descartabilidade das vidas.

Inspirados por uma teologia da encarnação e pela tradição latino-americana, o autor interpreta o discurso e as ações do Papa como expressão de uma Igreja em saída, próxima dos pobres e comprometida com a justiça. A partir da noção de “cultura do encontro”, os autores contrapõem o individualismo neoliberal à fraternidade cristã, sublinhando que o Evangelho é, antes de tudo, uma mensagem de relação e cuidado. Nessa linha, o texto evidencia como o Papa Francisco desafia tanto a esquerda quanto a direita política, propondo uma ética da solidariedade que transcende ideologias. O pontificado é apresentado como um contradiscurso: não nega o progresso, mas o redefine à luz da comunhão; não condena a economia, mas exige que ela seja regida por valores humanos e espirituais.

O capítulo se encerra com uma reflexão pastoral de grande força simbólica: para Adamo, o pontificado de Francisco é um “sinal de esperança em meio às ruínas”, uma convocação à reconstrução ética da humanidade. O Papa, ao insistir em temas como ecologia integral,

diálogo inter-religioso e economia solidária, propõe um cristianismo que une contemplação e ação. Contra a cultura do consumo e do descarte, ele oferece uma espiritualidade da simplicidade e da ternura. Assim, o texto convida o leitor a compreender o pontificado de Francisco não como uma mudança de estilo, mas como uma reforma de mentalidade, que devolve ao Evangelho sua força original de libertação e anúncio da vida plena para todos.

No primeiro capítulo da terceira unidade, “Nanoevangelizadores como possibilidade de evangelização no meio digital”, de Alzirinha Souza, propõe uma reflexão fundamental sobre o papel dos cristãos na cultura digital contemporânea. A autora parte da constatação de que as redes sociais já se tornaram um “espaço de vida”, onde as pessoas rezam, aprendem, expressam dores e alegrias, e, portanto, também um território de missão. Em vez de rejeitar o ambiente virtual como superficial ou perigoso, Souza convida à compreensão crítica de seus mecanismos e à apropriação consciente das mídias como instrumentos de evangelização. Nesse sentido, o texto se inscreve no horizonte da *Gaudium et Spes* e da *Evangelii Nuntiandi*, que exortam a Igreja a anunciar o Evangelho nos novos areópagos do mundo.

Com rigor teórico e sensibilidade pastoral, Alzirinha Souza analisa a gênese e as dinâmicas dos chamados influenciadores digitais (IDs), mostrando como o fenômeno da “microcelebridade” transformou a comunicação contemporânea em um campo marcado pela visibilidade, pela estética e pela economia da atenção. A autora, contudo, vai além da crítica: inspirando-se em documentos recentes da Santa Sé, especialmente o texto “Rumo à presença plena” (2023) do Dicastério para a Comunicação, propõe o conceito de nanoevangelizadores, pessoas comuns, com poucos seguidores, mas capazes de exercer uma influência autêntica e transformadora em seus círculos de convivência. São leigos

e leigas que, conscientes da própria fé, utilizam as redes como extensão da vida comunitária e testemunham o Evangelho com simplicidade, proximidade e responsabilidade ética.

Na parte final, Souza defende que os nanoevangelizadores representam o futuro da evangelização digital: não pregadores de massa, mas testemunhas de comunhão. Seu texto insiste na necessidade de formação teológica e pastoral para o uso responsável das redes, denunciando o risco de transformar o Evangelho em produto e a fé em mercadoria. Em contrapartida, a autora apresenta uma visão esperançosa: evangelizar no ambiente digital é tornar-se “corda de esperança”, expressão que ela toma do termo hebraico *tikvá*, um elo que liga Deus e a humanidade no espaço virtual e concreto da vida. O capítulo, assim, combina crítica cultural, teologia da comunicação e espiritualidade missionária, apontando caminhos para uma presença cristã madura, ética e encarnada nas redes sociais.

O capítulo “Juventude e Jubileu da Esperança: Esperança profética e protagonismo juvenil em tempos de crise” é uma reflexão profunda sobre o papel transformador da juventude em meio às turbulências contemporâneas. Os autores Henry e Izabel convidam o leitor a reconhecer os jovens não apenas como vítimas de desigualdades sociais, crises econômicas e culturais, mas como protagonistas de uma nova história marcada pela fé, esperança e compromisso ético. A partir de uma leitura crítica da realidade e inspirada pelos recentes processos sinodais da Igreja, o texto reafirma a necessidade de escuta e de diálogo como caminhos para reencantar o mundo com a força do Evangelho e com o vigor da juventude que acredita em dias melhores.

Izabel e Henry apresentam uma abordagem interdisciplinar que une teologia, sociologia, pedagogia e comunicação, iluminando o cenário juvenil sob diferentes perspectivas. As reflexões sobre o impacto da cultura

digital, a desigualdade estrutural, a crise ecológica e os desafios da saúde mental apontam para uma urgência ética e espiritual: formar uma geração capaz de unir fé e ação, contemplação e compromisso. O Jubileu da Esperança, tema central do texto, é interpretado como uma metáfora da caminhada cristã, um convite a peregrinar com coragem profética em direção a uma sociedade mais justa, solidária e fraterna.

Mais do que uma análise dos problemas que afetam a juventude, este capítulo é um manifesto pela esperança ativa. Ele nos desafia a enxergar nos jovens o rosto da Igreja em saída, o sopro de renovação que questiona as estruturas de poder e propõe uma nova cultura do encontro. No espírito do Papa Francisco, os autores recordam que, em tempos de desesperança e ódio, o amor deve tornar-se profecia. Assim, este texto se coloca como uma bússola para o Jubileu de 2025 e além dele, uma inspiração para que comunidades, educadores e lideranças eclesiais caminhem junto com a juventude na construção do Reino de Deus.

O último capítulo, mas não menos importante, “Comunidades Eclesiais e Espiritualidade Sociotransformadora”, de Anderson Messina Perini, é uma profunda reflexão sobre a essência comunitária da fé cristã e o papel das pequenas comunidades na renovação da Igreja e da sociedade. Partindo da compreensão de que o ser humano é criado à imagem de um Deus-comunhão, o autor destaca que a vida cristã autêntica floresce no encontro fraterno, na partilha e na celebração. Inspirado nos primeiros cristãos e nos documentos do CELAM, o texto reafirma que a Igreja é chamada a ser uma rede de comunidades vivas, nas quais se experimenta o Evangelho na simplicidade das casas e na solidariedade com os mais pobres.

A espiritualidade sociotransformadora proposta neste capítulo transcende a dimensão individual da fé e se manifesta em uma vida de comunhão, missão e compromisso social. O autor articula os quatro pilares da comunidade eclesial: palavra, pão, caridade e ação missionária, como

fundamentos inseparáveis da vivência cristã. Nessa dinâmica, a escuta da Palavra conduz à conversão; a Eucaristia fortalece o vínculo com Cristo; a caridade concretiza o amor de Deus no serviço; e a missão testemunha a fé em meio ao mundo. Trata-se de uma espiritualidade encarnada, que une contemplação e ação, oração e transformação, e que reconhece nos pobres e nos jovens dois rostos privilegiados do encontro com Cristo.

Mais do que um estudo teológico, este capítulo é um convite à Igreja para redescobrir sua identidade comunitária e profética. Ao integrar a mística e o compromisso, ele propõe um modelo de espiritualidade que se traduz em solidariedade ativa, cuidado com a Casa Comum e construção de uma cultura da paz. Em tempos de individualismo e fragmentação, a comunidade eclesial torna-se o espaço onde o amor se faz visível, a fé se torna vida e a esperança se renova. É, portanto, um texto que inspira a Igreja a viver a santidade como serviço e a espiritualidade como força transformadora do mundo.

Encerrando este prefácio, é possível afirmar que a presente obra não se limita a reunir textos acadêmicos, mas propõe um verdadeiro exercício de discernimento cristão diante das realidades contemporâneas. Cada capítulo, com sua linguagem própria e enfoque particular, converge para uma mesma convicção: a fé, quando vivida de modo autêntico e comunitário, é sempre transformadora. A teologia, aqui, não se reduz ao pensamento abstrato, mas se encarna nas dores e esperanças do povo, comprometendo-se com a justiça, a paz e a dignidade humana. Em meio a um mundo fragmentado e exausto, este livro reafirma que o Evangelho continua sendo uma força viva de renovação: espiritual, social e cultural.

As reflexões reunidas neste volume não oferecem respostas prontas, mas abrem horizontes. Elas convidam a Igreja e cada leitor a revisitar o próprio modo de crer e agir, à luz do chamado de Francisco a uma “Igreja em saída”, samaritana e misericordiosa. O desafio é grande: testemunhar